

UFPR – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

DAIANE APARECIDA ARARIPE

TRAJETÓRIA- UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE: IMAGEM E IDENTIDADE

MATINHOS
2014

DAIANE APARECIDA ARARIPE

TRAJETÓRIA-UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE IMAGEM IDENTIDADE

Memorial apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Artes, no Curso de Licenciatura em Artes. Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Kliemann

MATINHOS
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

DAIANE APARECIDA ARARIPE

TRAJETÓRIA- UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE: IMAGEM E IDENTIDADE

Memorial aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Licenciatura em Artes, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, pela banca examinadora:

Profa. Dra. Gisele Kliemann
Orientadora

Prof. Dra. Carla Beatriz Franco Ruschmann

Profa. Dra. Luciana Ferreira

Matinhos, Junho de 2014

À minha família, aos meus pais e irmãos, por terem sido grandes apoiadores e incentivadores das minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sebastiana Aparecida e Luís Rogério Alencar Araripe. Aos irmãos Anderson Alencar Araripe e Murilo Alencar Araripe.

Aos meus professores do teatro Rafael Camargo, Anderson Carlos Antoniacomi e Alaor de Carvalho, por o todo aprendizado teatral e atuação no palco e para vida.

À professora Ângela Katuta, por ter acrescentado sua filosofia e antropologia, as quais me foram de grande valor educacional.

À profa. Luciana Ferreira, por dividir suas experiências e ter feito diferença em meu processo artístico, além de despertar a liberdade de artista e de me propiciar a oportunidade de explorar o meu próprio ser enquanto pessoa, artista e profissional.

À professora Juliana Paes Azoubel, pela colaboração em relação as experiências dançantes.

Ao profe. Fábio de Carvalho Messa, por toda riqueza dos estudos da mídia-educação, semiótica, imagem, pelo incentivo à fotografia e por ter me proporcionado a inesquecível experiência do intercâmbio.

Ao professor Eduardo Nascimento, pelas críticas relevantes e seu olhar artístico.

Aos meus amigos Paulo Ricardo D' Carvalho, NathaniValvazori, Alexandre Almeida, Eliezer Vidz, Luara Escobar, Cristina AvilésZúñiga, Marco Antônio AvilésZúñiga, pela compreensão, parceria e amizade de antes, hoje e sempre.

Em especial à minha orientadora Gisele Kliemann, pelo exemplo de professora e pessoa e por todo o acompanhamento, compreensão, diálogos, esclarecimentos e amizade nesta trajetória pessoal e acadêmica.

Em memória a professora Jussara Araújo.

*El mundo es grande, pero en nosotros es profundo como el mar.
Rilke.*

*El espacio me ha dejado siempre silencioso.
Julbs Válles.*

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral, pretende relatar, em forma de texto memorial, minhas experiências, as quais julguei serem as mais relevantes no meu processo de construção como artista, acadêmica e pessoal. Constando o que chamo de riquezas são aquelas adquiridas em diferentes espaços, e que transcendem o ambiente acadêmico, com introspectivas (re)construções e desconstruções. Elas possibilitaram um grande aumento de valores pessoais, artísticos e profissionais. Relato minha trajetória universitária mesclando com as teorias estudadas e praticadas em diversos contextos. Por fim, concluo deixando as minhas marcas e impressões sobre todo o processo de busca, compreensão e construção do conhecimento propiciado pelo Setor Litoral da UFPR, assim como os diversos espaços que contribuíram para essa constituição do profissional Arte-educadora. Acredito que esse relato explicita todos os meus pensamentos acerca de todas as experiências que vivi durante os 4 anos da graduação, e articulo esses saberes entre todos os momentos da minha vida.

Palavras-chave: Imagem. Identidade. Memorial. Licenciatura em Artes.

SUMÁRIO

1. ENTRADA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR-LITORAL.....	10
2. PIBID – PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA.....	12
2.1 Pibid-Adrianópolis, Professora Ângela Katuta.....	12
2.2 Pibid – Mídia-Educação Nas Escolas das Ilhas de Guaraqueçaba.....	13
3. FTP - FUNDAMENTOS TEÓRICOS PRÁTICOS.....	15
3.1 Apropriação dos Saberes Artísticos.....	15
3.2 Módulo de Dança.....	18
4. PROJETO DE APRENDIZAGEM (P.A): ARTISTA EDUCADOR E EDUCADOR ARTISTA.....	20
5. INTERCÂMBIO.....	21
6. RETORNO AO BRASIL: TRANSCENDÊNCIA POÉTICA NO OLHAR FOTOGRÁFICO.....	31
7. FOTOGRAFIA E IDENTIDADE.....	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES E RIQUEZAS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 ENTRADA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR-LITORAL

Não poderia iniciar minha trajetória acadêmica sem antes relatar como foi minha experiência anterior ao meu ingresso na Universidade Federal do Paraná. Em fevereiro de 2010, entrei para instituição de ensino privado – Universidade Tuiuti do Paraná e por seis meses convivi com uma grade curricular de (13) treze disciplinas semanais, sendo para mim mais atrativas: História da Arte; História da Arte Paranaense; Cinema e Fotografia. Em junho desse mesmo ano prestei o vestibular para o curso de licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral. O que chamou a minha atenção para a UFPR-Litoral, a princípio e em especial a este curso, foi a nomenclatura “Licenciatura em Artes”, e a minha recém descoberta curiosa me fez buscar mais informações, fomentando ainda mais o meu interesse por esse curso – justamente por trabalhar as quatro linguagens da arte, acredito eu. Assim, pensei que poderia me aprimorar tanto no teatro quanto nas visuais. Foi em julho vi meu nome na lista de aprovados, e coisas que eu nunca havia planejado antes, estavam prestes a acontecer: viver e estudar na praia, por exemplo. Pensei que deveria me arriscar e isso deixou minha família muito feliz, pois eu estava mais perto deles.

Entrar para o curso de Licenciatura em Artes foi uma grande novidade. Naturalmente, às vezes eu lembrava da antiga UTP, onde tudo parecia ser distante (as coisas e as pessoas umas das outras). Já a aproximação na UFPR Litoral é algo natural e isso me pareceu estranho de início, mas depois passou a me fazer bem. Nesse Setor da UFPR, as pessoas conversavam entre si e até os professores conversam com as meninas da limpeza por exemplo, mas o que demorei a compreender foi ter cinco módulos por semestre e um deles você ter a liberdade para escolher, como é caso da Interação Cultural Humanística (ICH) e do Projeto de Aprendizagem (P.A). Como vim de uma outra universidade, esperei ver disciplinas e nomes prontos como Cinema, Fotografia e História da Arte. Meu primeiro semestre foi de adaptação e logo descobri o Coral, Teatro da UFPR - Litoral e outras atividades ofertadas pelo Centro Cultural de Matinhos, apesar de já ter vindo de longas experiências no teatro em Antonina. A autonomia e a direção de alguns professores me deram um norteamento de aprendizado e produção artística, mesmo porque não se pode transmitir arte se você não está inserido em um contexto

artístico ou se você não conversa e discute sobre isso, seria o mesmo que um professor de matemática não saber sobre matemática ou professor de Inglês não escrever e falar Inglês. Sempre me preocupei em buscar tudo que tivesse envolvimento artístico, que fosse novo e que de certa forma me surpreendesse, até mesmo porque cresci nesse meio de apresentações de teatro, dança, música e exposições. A aprendizagem não se faz só na sala de aula, o aluno é responsável pela sua construção profissional e artística, digo isso como aluna e professora de arte. Também depende das necessidades intelectuais e pessoais de cada indivíduo e a minha necessidade sempre foi, por gostar da arte, saber passar adiante um conhecimento pessoal e a busca em aprimorá-lo com coisas novas e que sempre me acrescentassem algo.

2 PIBID – PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

2.1 Pibid-Adrianópolis, Professora Ângela Katuta

No mesmo semestre que iniciei no curso, tive a oportunidade de entrar para meu primeiro projeto na Universidade, cujo este era o Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência – o PIBID, com a professora Ângela Katuta. Com o projeto, “Artes nas Escolas de Adrianópolis”, pude compreender um pouco mais sobre o ambiente universitário e me aprofundar na filosofia da educação, a qual percorri em determinados espaços e soube como lidar com eles. Esse projeto trabalhava, com alunos quilombolas do município de Adrianópolis, as quatro linguagens separadamente das artes, eu sempre optei pelas visuais por acreditar que trabalhar com o interior de cada pessoa, através do desenho e da pintura era mais fácil do que com o teatro. Acredito que a arte cria a possibilidade de lidar com a percepção do indivíduo, desde seu intelecto até o seu convívio em sociedade.

No início do ano de 2011 realizei um trabalho de auto-retrato com revistas, pinturas, técnicas de desenhos e colagem no município onde o projeto foi desenvolvido, com alunos de doze à dezoito anos de idade. Os resultados dos trabalhos levantaram dados interessantes em relação a identidade, através da imagem, alguns alunos mostraram em seus desenhos e colagens coisas particulares. Em resumo, pode-se dizer que as imagens produzidas traziam em seu contexto a história de um povo de uma cidade pequena com o homem do campo, a mulher do lar e os filhos dos mesmos. Os desenhos retratados entre as linhas do rio, árvores e o plantio, produziram um teor muito forte da identidade local, até pensei em como seria se a identidade pudesse ser trabalhada de uma maneira artística, pois bem se sabe que a identidade é conceituada também na psicologia e filosofia, e não somente reproduzida por aqueles que pertencem à determinado local, como é o caso da construção da identidade social (FOUCAULT, 1988). Isso pode ser percebido dispendo essas pessoas de maneira sutil a um estudo sobre a identidade e a subjetividade – sobre nós mesmos e quem realmente somos. Neste momento já me despertava algo em relação a identidade desprendidos de interesses profundos teóricos a respeito.

2.2 Pibid – Mídia-Educação Nas Escolas das Ilhas de Guaraqueçaba

No fim do ano de 2011 entrei para o projeto: PIBID Mídia-Educação nas Escolas das Ilhas de Guaraqueçaba ministrado pelo professor Fábio Messa. Tive uma boa participação como voluntária nas discussões e nas produções do projeto, acerca da relação entre mídia e arte as quais me agregaram muita coisa o que pude desenvolver futuramente. O trabalho foi realizado com alunos das escolas da Ilha das Peças e Ilha Rasa, e o mais interessante é que neste projeto surgiu meu interesse pela fotografia e também meus primeiros cliques, o que até então estavam oculto. O interesse surgiu através da minha função que era ser responsável pelo registro fotográfico, e as ilhas e seu povo não deixavam de ser um cenário perfeito para isso. O deslocamento do meu espaço cotidiano para o exótico, como esta transição da terra para o mar, me fascinava e em alguns momentos me sentia dentro do meu próprio, auto retrato.

Figura 1



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2012

A relação com pessoas diferentes, simples e sábias, me fazia muito bem e me despertava cada vez mais para investigar e perguntar como é pertencer ao ambiente das ilhas. Com o grupo do PIBID, foram realizados dois curtas-metragens: “A Noiva

do Pé de Guanandi” na Ilha Rasa, e “A Mulher de Branco” na Ilha das Peças. Curtas realizados a partir de pesquisas com os moradores da ilhas sobre lendas, mitos e memórias.

A “figura1”, a seguir é uma das minhas primeiras imagens, no projeto. Acredito que esta foto, seja o marco inicial no meu processo de gostar de “clique” e do aprendizado da fotografia. Essa foto, também, marca um período em que o meu olhar se desenvolvia, enquanto constituição da composição de olhar fotográfico, que na época ainda era “cru e nu” para as técnicas. Acredito que podemos ir além das técnicas, precisamos respirar com o ato de fotografar, pois “é por detrás da aparência, da visibilidade registrada pela imagem fotográfica, que se esconde o enigma que pretendemos decifrar” (KOSSOY, 2002), e essa foto mostra bem isso.

3 FTP - FUNDAMENTOS TEÓRICOS PRÁTICOS

3.1 Apropriação dos Saberes Artísticos

O início do ano letivo de 2011 foi importantíssimo para mim, pois foi oferecido módulo: Apropriação dos Saberes Artísticos I, ministrado pela professora Luciana Ferreira. Neste módulo tive total liberdade ele acrescentou ferramentas para me expressar livremente, segundo minhas próprias vontades, trabalhando a perspectiva individual de cada aluno, e isso me foi muito propício para mim naquele momento. A professora nos proporcionou um momento de reflexão interior com a pergunta: “Quem Sou Eu?”. Após algumas reflexões sobre quem eu sou, tivemos uma produção de um auto retrato, “figura 2”, com recortes simples de revistas, levei quatro semanas para entregar, usando aproximadamente mais de setenta revistas.

Figura 2



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2011

Foram vários recortes de imagens de céus na desconstrução dessa imagem para a (re)construção de uma outra do meu imaginário. O maior número de recortes foram as de formato de nuvens sutilmente encaixadas umas nas outras, o relógio ao

centro sem os ponteiros e o diálogo das duas nuvens, à esquerda e à direita. A ponte indicou o caminho para o outro lado desconhecido, íntimo – para mim, o pensador de costas para tudo e à sua esquerda a luz retorcida em movimento. Este auto retrato carrega inúmeros significados.

Essa obra teve um desdobramento para um segundo momento, “figura 3” a qual eu chamo de “Dois Lados”, “figura 4” acompanhado de um poema feito por mim, para contemplar a obra, realizada na minha primeira experiência de uma exposição coletiva na Primeira Mostra de Arte de Contemporânea, baseada no livro: *La Poética del Espacio* de Gaston Bachelard.

Imensidão Íntima

Gosto do silêncio

Que às vezes mora em mim

E se eu sempre pudesse mergulhar nele,

Sem receio de permanecer,

Na sua imensa profundidade,

Encontraria a sua liberdade.

Confesso que sinto medo

Dessa intimidade.

Quanto mais fundo o mar

Mais distantes meus pés ficam do chão.

Mas porque não se deixar,

Flutuar ou mergulhar nessa imensidão.

E se de outros lados desconhecidos,

Os meus olhos realmente vissem aquilo que sinto.

Em meio aos meus devaneios
Monto, desmonto e remonto,
A fuga para o meu próprio encontro.
E mesmo estando sozinha sei que só nunca estamos.
E a saudade é uma eterna despedida
Do ontem, do hoje e do amanhã.

Daiane Araripe

Figura 3



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2011

Figura 4



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2011

3.2 Módulo de Dança

E entre as Artes Visuais e o Teatro, me confortei na dança como em outros momentos em que tivemos contato com bailarinos do teatro Guaíra no projeto Perfume.

O módulo foi ministrado pelas professoras, Juliana Azoubel e Gisele Kliemann. Este foi o primeiro módulo, depois do meu retorno do intercâmbio (citado mais adiante neste trabalho). Estas experiências foram cruciais para encontrar o meu equilíbrio entre meu ser introspectivo e o meu ser coletivo. As professoras pediram um trabalho individual, o qual tive o prazer de passar por um processo de auto reconstruções pude realizar uma apresentação como resultado do meu processo seguido de um desabafo de maneira subjetiva com o corpo, onde existia uma dualidade entre o eu atemporal e o eu temporal, assim como havia uma exploração do espaço disponível que já não era mais um espaço comum; e a coreografia e a gravação foram feitas por mim. Neste trabalho, "figura 5" existiu um ser real e um ser irreal – ambos provenientes de mim. Em uma figura existia duas, que seguiam a mesma coreografia e conversavam entre elas corporalmente – uma delas projetada

na parede. Em “A arte imita a vida ou a vida imita a arte?” pude participar também do projeto Dança pela Dança, ministrado pelo meu colega acadêmico Paulo Ricardo, que muito contribui nesse meu processo de busca de uma identidade, a qual eu havia deixado por alguns meses durante período fora do país. “A dança foi meu silêncio e minha resposta, não sou mais nem menos, nem diferente... só sou um ser que sente e neste sentir permaneço em meu constante encontro”¹ Depois deste trabalho, pude ver que a arte não se constitui em uma identidade única, mas pode percorrer entre elas quando se deixa permitir.

Figura 5



Fonte: Janete Pereira, 2013.

¹ Minhas próprias reflexões acerca da importância da dança na minha constituição artística.

4. PROJETO DE APRENDIZAGEM (P.A): ARTISTA EDUCADOR E EDUCADOR ARTISTA

Alguns entendimentos e preocupações foram fundamentais para as minhas escolhas no universo acadêmico, principalmente com a definição do tema do meu Projeto de Aprendizagem (P.A), por exemplo. O tema “Artistas Paranaenses” foi minha primeira influência para desenvolver o P.A, e depois reduzi o campo de interesse para o Artista Guido Viaro, um educador artista e um dos pioneiros na arte paranaense, segundo a história. Um dos interesses em estudar o Viaro foi por ele ser um artista e educador ao mesmo tempo. Creio que isso impulsionou o meu ânimo ao desenvolver o meu projeto. O intuito deste P.A foi estudar e aprofundar as discussões sobre as possibilidades que a arte-educação traz no período contemporâneo. De 2010 para 2011, tive um envolvimento com o pensar sobre ser artista e ser professor por estar em curso de Licenciatura e como trabalhar as quatro linguagens nas aprendizagens formal e informal. As primeiras leituras para desenvolver o projeto se deram com: *A Modernidade no Sótão*, de Dulce Regina Baggio Osinski; e *Arte em Guido Viaro a Valorização da Figura Humana*, de Euro Brandão. Infelizmente não pude dar continuidade a esse projeto por ter tido a oportunidade de participar de um programa de intercâmbio, mas entendo que os estudos desenvolvidos nesse espaço foram fundamentais na minha caminhada de licenciada em Artes, tudo isso contribuiu para a minha formação profissional e social e repensara questão da licenciatura.

5 INTERCÂMBIO

No dia 08 de Agosto de 2012 embarquei para uma viagem de intercâmbio com destino à Rio Cuarto, Córdoba Argentina. No início, não tive dificuldade com as novidades e com a fala por já ter uma familiaridade básica com o espanhol. Morei durante seis meses, de aluguel, em um apartamento cedido pela professora Silvina Barroso, coordenadora do curso de línguas da Universidade Nacional de Rio Cuarto “UNRC”. No primeiro dia fui para aula com mais quatro estudantes brasileiros, foi estranho, todos nos olhavam, até mesmo porque éramos muito diferentes de todos. Passei a ter aulas de espanhol, quatro vezes por semana aprimorando ainda mais a minha comunicação. Escolhi as disciplinas para cursar: Literatura Argentina I, Literatura Infantil e Literatura Argentina, esta última não me adaptei, e por isso resolvi mudar para o curso de fotografia que acontecia no mesmo dia e horário. Até mesmo, porque necessitava de algo mais prático. Esses seis meses em Río Cuarto foram de muito aprendizado universitário, profissional e pessoal em meus trabalhos.

O intercâmbio e o estudo da fotografia junto com a fotografia me fizeram passar por um momento de reflexão no qual passei a pensar sobre em meu próprio ser e no do outro, em meu existir e o existir do outro, justamente o que eu necessitava. Neste período, fora do meu país de origem, me cedi a oportunidade de fazer coisas diferentes para fugir da rotina. Aproveitei o tempo para reeducar o meu olhar, por consequência me ausentando do teatro. Em setembro de 2012 quando entrei no curso de fotografia, a turma já estava avançada e já haviam passado pelas técnicas fotográficas e trabalhando as ferramentas do photoshop. Mesmo assim, entrei com Belén Rodríguez Delvalle (uma outra estudante de intercâmbio do Paraguay). O curso era divertido, dinâmico, tinham três professores na sala, penso que um deles foi um excelente professor me ensinando o básico sobre a fotografia. Neste momento, cheguei à conclusão que já não tinha mais dúvidas sobre o meu gosto pelo teatro ou as artes-visuais, e percebi que passei por momentos de incerteza me decidindo a assumir o meu gostar pelos dois. Talvez, para mim, fosse ainda mais complexo por se tratar de arte ou de artes, porque a arte faz parte do ser humano assim como a o calor faz parte do sol. A arte como produto do campo da subjetividade humana, não pode ser menos complexa que o próprio ser humano.

Depois de trabalharmos as ferramentas em quatro meses no photoshop os professores de fotografia nos permitiram escolher, como seria realizado nosso trabalho final, este resultaria em uma exposição coletiva e o tema escolhido pela turma foi: “Identidade”.

Pensar em um trabalho que retrata a identidade através da imagem e trazer nela seus signos, trouxe em si sua complexidade, talvez seria muito honesto, caminhar pelas ruas e retratar imagens do povo argentino, em especial seus costumes, seu tango e seu mate, isso eu já fazia visualmente sem necessariamente registrar tendo equipamentos em mão, seria visivelmente honesto e previsível, carregado de clichês mas não sincero ao que chamamos de identidade, pois a partir do momento que eu já não mais pertencia a meu espaço de costume, natural e cultura, surgiram autoquestionamentos, de minha origem e espaço o qual eu fui recebida e estive vivendo.

Trabalhar com palavras, nos traz facilidade de encontro com uma rápida compreensão e interpretação, mas retratar a imagem como fonte de informação, observação, identificação no acúmulo das emoções é bem mais difícil. Foram quatro, as palavras chaves, para realizar meu trabalho. Não se pode trabalhar a arte se não tiver o nosso ser e o ser artístico, ambos, não podem estar separados, mas sim se complementarem e em um equilíbrio entre elas, para que nada se perca ou se exceda.

Partindo de meus pensamentos de como realizar meu trabalho sobre “Fotografia e Identidade”, o qual não teria por mim um caráter de uma visão extremamente acessível aos olhos de todos, não para ser diferente e sim buscar meu próprio olhar e ser, em relação ao outro, na cidade de Rio Cuarto de uma maneira simples e sutil, por esse motivo repensei a minha identidade enquanto a minha nacionalidade e lugares por onde passei, quais relações que ainda seguiam comigo entre memórias e vestígios, que teriam me acompanhado desde a infância que poderiam estar presentes no momento atual do intercâmbio, o qual eu estava inserida. Nos meses de agosto a novembro de 2012, teria sido previsível fotografar o mate e o tango, na praça, na casa de algum amigo, porém acredito que quando falamos da identidade e acrescentamos o fato de registrá-la, temos o poder de ir além da imagem de um senso comum ou apenas daquilo que é dito que entendemos por identidade, mesmo porque dentro desta fala que ouvimos, ela pode estar equivocada. Nem todo argentino sabe dançar tango e conhece sua cultura.

está disposto a aprender sobre ela, assim como nem todo brasileiro sabe sambar ou conhece sua cultura. Percebo que a identidade também pode ser associativa, variando de indivíduo para indivíduo, determinadas associações podem ser agrupadas e múltiplas em redefinições, por exemplo: ver cores verde e amarela em qualquer lugar que fosse ou em qual contexto que estivessem em Rio Cuarto, me faziam recordar do Brasil e ao mesmo tempo pensar em todos os momentos vividos no outro país. Nossas associações nunca são por acaso.

A produção da série das fotos:2 (La Ventana), “figura 2.1, figura 2.2, figura 2.3, figura 2.4, figura 2.5, figura 2.6, figura 2.7 figura 2.8, figura 2.9, figura 2.10”, trouxe o processo de observações das praças da cidade, das Igrejas, das pessoas que eu via de cima da minha janela no 7º andar da rua: *Sadi Carnot*, praticamente todos os dias. Lembranças do ritmo e do som das aves de Curitiba, as sensações de proteção do Brasil, e dos momentos entre passado, futuro e presente. Do externo para o encontro interno, e entre tudo simplesmente a janela, como objeto de redefinição.

LA VENTANA

A Janela...

Ela sempre ela

Que me chama

Que me divide

Convida-me a voar

Convida-me aos ruídos

Convida-me ao silêncio

Convida-me todos os dias

Ela sempre ela

Que me fala sobre o tempo

Que me desperta e adormece.

Ela sempre ela

A vista é a mesma

Elas percebem o que outros não sabem

O que existe entre elas...

Só elas sabem

Ela ...a Janela.

Daiane Araripe

Figura 2.1



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2012

Figura 2.2



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura: 2.3



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura: 2.4



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura 2.5



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura 2.6



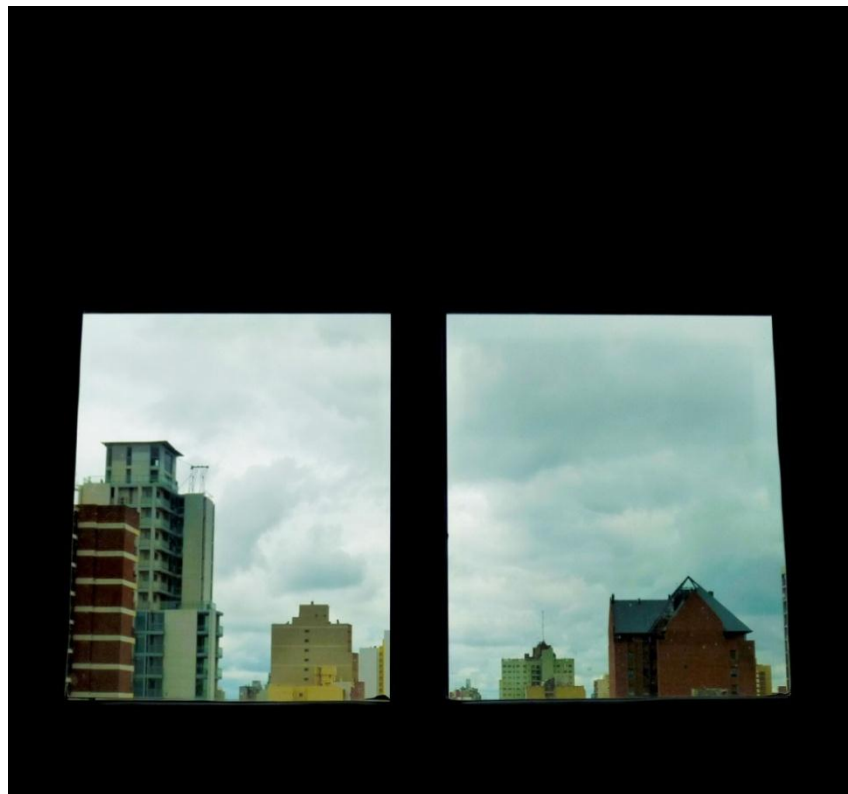
Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura 2.7



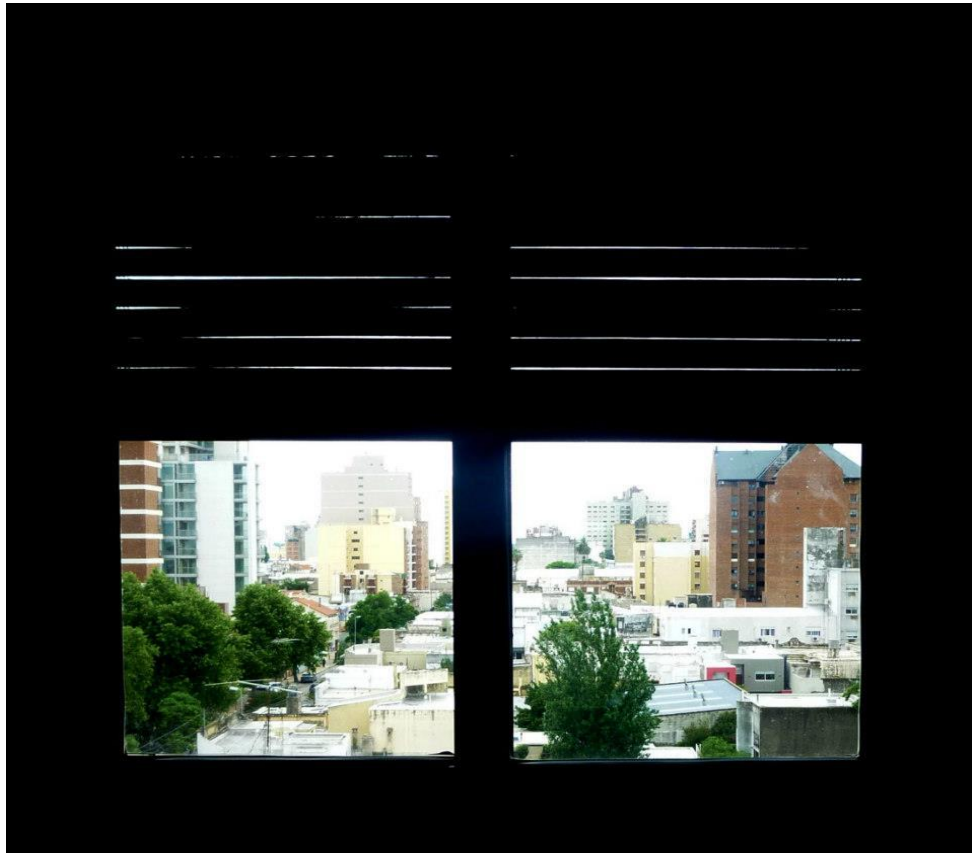
Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura 2.8



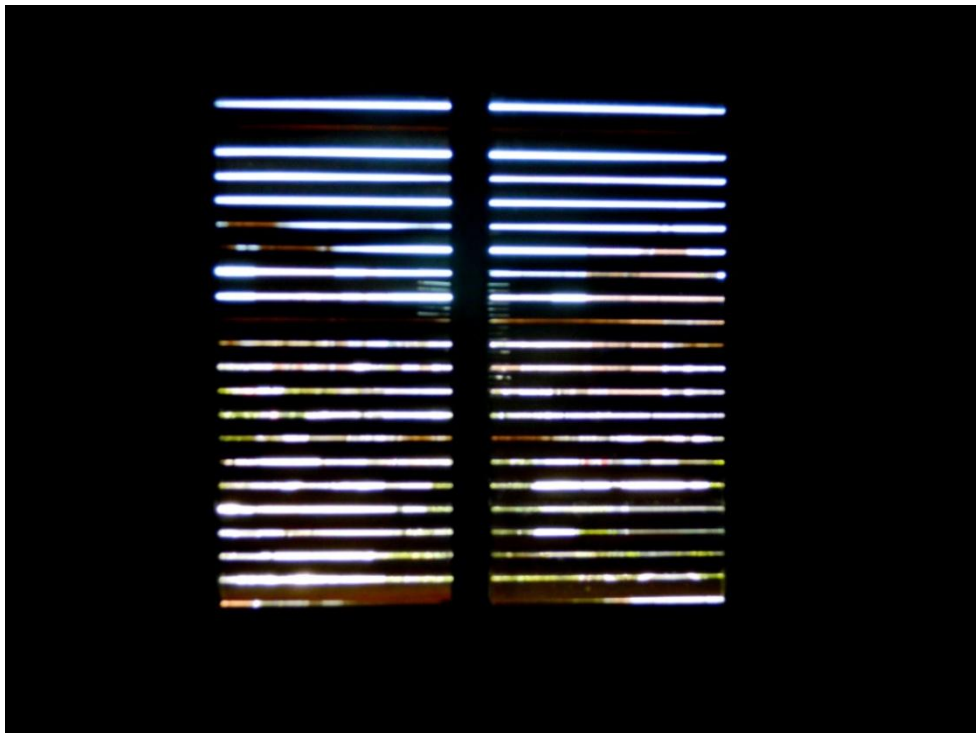
Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe 2012

Figura 2.9



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2012

Figura: 2.10



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2012

6 RETORNO AO BRASIL: TRANSCENDÊNCIA POÉTICA NO OLHAR FOTOGRAFICO

O meu retorno ao Brasil foi um grande marco da minha descoberta entre o ser individual e o em grupo. Percebi que o meu foco na fotografia me afastou do teatro, então busquei algo que pudesse gerar um equilíbrio entre essas duas áreas: a dança. O ponto que conseguiu igualar o peso entre a minha dualidade artística (fotografia e teatro) fez com que eu pudesse desprender meu tempo e energia de uma forma que contemplasse esses meus interesses. Com o equilíbrio novamente restaurado, me (re)encontrei enquanto indivíduo e sujeito que compõem a Daiane artista, não apenas uma atriz e não somente uma fotógrafa, mas uma composição que se completa com a Daiane como ser dançante.

Voltando ao Brasil, continuei interessada no processo despertado pelo curso de fotografia, durante minha estadia na Universidade Nacional de Rio Cuarto: a Identidade. Com a experiência adquirida na Argentina eu percebi que uma identidade vem de uma identificação com o outro, com nosso redor, com o mundo, pois ela não é construída por si só. Também não posso afirmar que é algo somente interno em cada um de nós, ou seja, à medida que vamos crescendo e experimentando a vida, processamos e absorvemos o nosso identificar com o universo externo. É possível ter essa construção no acúmulo de informações absorvidas, assim a identidade é construída conforme as necessidades que buscamos como nosso exterior, agregar e transformá-las em identidade pessoal. Sei que o presente momento não está desvinculado do passado, mas ele pode passar por algumas desconstruções e tudo aquilo que vemos já não pertence mais ao criador e tudo aquilo que criamos, também boa parte dessa criação, já pode não nos pertencer mais, portanto a busca natural pela identidade se torna ponto de encontro do ser individual para a identificação com o coletivo.

Em meu universo artístico, trazer a realidade do momento em instantâneos é umas das minhas maiores prioridades, mas respeito ao indivíduo. Logo após meu retorno ao Brasil realizei fotos com registros das bicicletas de Matinhos, tendo a bicicleta como objeto de uso as figuras :“figura 3.1e figura 3.2”. Acredito que a maior

essência da identidade desse município seja este meio de transporte; Ela é usada para lazer ou trabalho, sendo um dos pontos chave para esclarecer a **Identidade** e a **Poesia** em uma composição feita por mim.

Figura: 3.1



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe 2013

Figura 3.2



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe, 2013.

7 FOTOGRAFIA E IDENTIDADE

Para trabalhar a identidade a partir da parte fotográfica, comecei de maneira intuitiva, construí meu olhar, sem qualquer influência de técnicas e, somente depois me aprofundei no assunto.

Pelo que domino de “Imagem Identidade”, é possível perceber que meu trabalho não se enquadra nem como uma forma de registro da história, nem como um resgate dela. Vejo-o como uma maneira de mesclar a poesia com a imagem fazendo com que a fotografia, por si só, transpareça em sua expressão e em seu caráter poético sem, necessariamente, mostrar para o apreciador a posição do fotógrafo, sendo o observador o único responsável pelas possíveis interpretações. Contudo, procuro preservar a essência de cada povo e de suas localidades nessas fotografias, sem ter a necessidade de colocar o indivíduo como único responsável pela imagem, pois acredito ser dificultoso buscar a essência de cada local e a construção dos signos que levam à identidade. Assim, minhas fotografias tornam-se uma busca identitária. Contudo, por mais difícil que possa ser a busca pela essência que a revela, as identidades.

“(...) flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandioso os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir *chez soi*, em casa ‘em casa’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa.” (BAUMAN, 2004, p. 19, 20)

Através da leitura deste parágrafo, refleti sobre o nosso próprio movimento de existir para si mesmo, para o outro e para nossa sociedade. Em nossa essência com a metáfora de nos dividirmos e nos multiplicamos no ato de viver. Um livro que destaco aqui por ter me ajudado a compreender a questão da Identidade é “Identidade Cultural na pós-modernidade” de Stuart Hall, que fala sobre a “perda de

um ‘sentido de si’ estável; chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração do indivíduo tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma “crise de identidade” (HALL, 1992, p. 09) que, também, é fundamental para minhas próprias reflexões, que são de suma importância para todo o meu processo artístico. Elas acrescentam valores para algumas de minhas escolhas e decisões artísticas.

Além das fotos “janelas”, busquei em minhas outras fotografias trabalhar o sentido da imagem como um todo. Por exemplo, na figura 2 do “O Menino e o lixo”, seria muito fácil registrar em seu rosto um sentimento, visto que já havia nele uma expressão. Sua face, neste caso, traz ao leitor da imagem um discurso visual também indutivo. Pois,

“enquanto as imagens manualmente produzidas têm o tempo dos gestos que nelas deixam marcas, as fotográficas são necessariamente imagens do instante. Como instantâneos que são, guardam em si o momento irrepitível do disparo em que o obturador corta de um só golpe, para sempre, inexoravelmente, o fluxo do tempo.” (SANTAELLA e NOTH, 2008 p. 79)

Assim, busco quando possível e na maioria das minhas imagens, os vários significados do instante pois, o resultado é sempre finalizado pelo leitor visual. Já não me sinto responsável pelas suas interpretações, afinal uma vez a imagem realizada e exposta perca seu controle seguindo a diante o espectador terá total liberdade para fazer suas leituras.

Figura 4.1



Fonte: Arquivo pessoal/Daiane Araripe, 2012. O Menino e o Lixo.

Figura 4.2



Fonte: Arquivo pessoal/ Daiane Araripe, 2013.

A figura 2 “Dois homens do rio” traz o claro e escuro trabalhando o lado real da imagem e seu lado oculto. O homem neste caso aquele indivíduo conhecido, que toda cidade tem e não poderia ser diferente em Morretes, Paraná. O ser real no escuro e sua sombra escura no claro, transforma-se em dois homens do rio. O que os separa? É uma linha, assim como “Em La Ventana”, figura que possui uma separação do interno e do externo. A figura deste homem, que não deixa de ser alguém com uma identidade do litoral do Paraná – em seu estado neutro, onde a imagem não fala por ele, mas sim sua visão poética da fotografia.

Dentro da imagem “Dois Homens do Rio”, o que abordo é a maneira como podem existir dois sujeitos numa mesma fotografia. Existem mil leituras para este sujeito-objeto que ao mesmo tempo, presente, se faz apagadas dentro da sociedade que o vê apenas como produto dos mais variados fatores que fazem do trabalhador ao mesmo tempo um sofredor. O que tento trazer, também, é que

“o espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, e econômicos, políticos, culturais etc. A fotografia resulta de uma sessão de fatos fotográficos que têm seu desenrolar no interior daquele contexto. Ela registra, por outro lado, um micro aspecto do mesmo contexto. (KOSSOY, 1999, p. 26)”

Há múltiplos significados nesta representação do homem solitário dividido entre luz e sombra. Diante disso proponho que a leitura seja individual e sem influências, ofereçam a possíveis leitores um pré pensamento sobre este homem: que pode ser tanto um sofredor quanto alguém que poderia estar ali. O olhar, por um viés poético, pode ser entendido como um dos grandes antagonismos do ser humano, sendo essa imagem especificamente uma representação do confronto universal entre a Luz e as Trevas, o bem e o mal;

O discurso implícito na foto nem sempre é pensado. Existem ali dois fatores essenciais, no caso do homem na divisa entre luz e sombra, haveria não somente um olhar rápido e sensível, mas também o acaso que contribuiu para que este acontecimento fotográfico fale por ele mesmo; afinal não teria como se montar a cena sensibilizante do nada, até poderia, mas seria um ato forjado, o meu intuito é trabalhar o momento espontâneo. O fator ambiente contribui com o instante para que uma boa imagem fosse feita e registrada. A leitura sobre este homem é independente, pois mesmo havendo a minha reflexão sobre meu trabalho há de haver a sensibilidade do leitor para saber interpretar a e enxergar ali naquele mesmo sujeito os muitos discursos que podem haver sobre aquele instante ocasional representado pela minha lente amadora. A falta de sensibilidade no olhar acaba nos tornando analfabetos visuais, porque além de dependermos de um olhar mastigado por outro alguém, tão pouco paramos para observar e interpretar à nossa maneira os muitos espaços pelos quais passamos e habitamos. O olhar analfabeto cega, a ponto de não ser possível de observar nem ao menos a criança presente no lixo. Aquela que muitas vezes, por ser mais velha, se responsabiliza por cuidar dos irmãos e dar-lhes conforto. Pode ser que esta falta de sensibilidade visível seja reflexo de nosso comportamento individualista dentro de uma sociedade consumista. Sociedade na qual estamos inseridos desde muito pequenos e para a qual somos educados a viver.

Assim que vejo as coisas através da fotografia, a princípio a partir de um olhar nu, e depois mediado por uma ferramenta tecnológica que é a câmera fotográfica, por exemplo. A fotografia, na verdade, é um meio de ampliar a visão para aquilo que se torna invisível na sociedade do consumo, ela também se revela como uma arma denunciatória de diversas situações não exploradas normalmente. Um exemplo bem interessante dessa necessidade comunicacional através da imagem é o movimento *deselfpic*², onde as pessoas produzem compulsivamente vários auto retratos. Uma sociedade de massa que vive para o consumo reclama através da imagem a vontade de ser reconhecido e aceito, por ser diferente e por ser único, então o fotógrafo pode estar para expor ou qualquer forma de expressão social/ humana. Imagens que se tornam textos a temporais e que podem ser feitos por qualquer pessoa que tenha à mão em um equipamento fotográfico.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES E RIQUEZAS

Entre um olhar disperso, e uma atenção deslocada para o meu universo real – porém atento ao meu cotidiano, me encontrei. O curso de licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná, me proporcionou, acompanhado por módulos elaborados por grandes professores das artes e de outras áreas, fontes para a minha formação. Mesclaram-se a arte, a filosofia, a antropologia, atuação no teatral, o equilíbrio na dança e a introspecção na Visual. Misturou-se o aprendizado artístico com o profissional, e não me vejo hoje nem como artista nem professora, como o grande Guido Viaro, mas sim uma pessoa que tem muito a contribuir em uma produção artística sem compromissos mas com muita vontade de saber o que é realmente ser arte-educadora neste universo contemporâneo. Hoje, posso afirmar que já me realizo. O ato de passar a diante aquilo que seja partir da experiência a acadêmica e pessoal, me fortalece mais e mais. Estou atuando hoje na Escola Técnico Dr. Basílio Machado, na cidade de Antonina, município que escolhi para lecionar, pelo único motivo de poder voltar a sentir a boa energia que este lugar me traz. Permanecer em meu espaço e buscar a possibilidade de me deslocar nele. É sempre necessário voltar, mas, não para ficar e nem para dizer adeus, mas sim para lembrar que estou aqui.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FREUND, G. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSSOY, B. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SANTELLA, L.; NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.